



XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste

UFES - Vitória-ES
De 03 a 05 de Junho de 2019.



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00644
INSTITUIÇÃO	Universidade Anhembi Morumbi
CAMPUS	
CIDADE	
UF	
CATEGORIA	CA
MODALIDADE	CA05
TÍTULO	Cacundé
ESTUDANTE-LÍDER	Bruno de Souza Rocha
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Ricardo Tsutomu Matsuzawa (Universidade Anhembi Morumbi)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

Após a definição dos temas principais a serem apresentados e discutidos em Cacundé, a equipe realizou pesquisas sobre identidade de gênero, religião e cultura brasileira, que se transformaram em objeto de representação no filme de maneira leve e lúdica. Esses elementos são absolutamente ilustrados durante toda a peça, provocando a reflexão do espectador e, porventura, sua curiosidade. Não é de hoje que se pensa corpo/indivíduo a partir da perspectiva biológica que determina o "ser mulher" e o "ser homem". Para além da biologia, a construção da identidade de um indivíduo durante a vida perpassa inúmeros fatores complexos, sendo essencial apresentar a função da cultura nesse processo de consolidação do que chamamos de subjetividade. Sem fazer distinção de culturas, elas são como matéria prima para se solidificar uma subjetividade, conseqüentemente se faz inviável não considerar os diversos aspectos que tangem a construção identitária - principalmente no aspecto de gênero - de um indivíduo brasileiro. Reconhecendo tal capacidade de uma dinâmica cultural e sua função na manutenção da estrutura, pode-se denunciar como, especificamente, as definições "homem" e "mulher" contribuem para a construção subjetiva dos indivíduos e como de uns tempos para cá, essa estrutura vem sendo rompida, como discutido por Judith Butler: A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é, em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas. (BUTLER, 2013). Mazé - que inicialmente pensamos ser alguém que caminhava sob uma lógica não binária de existência - nada mais é do que um corpo falante de uma mulher subversiva que compôs a sua personalidade de forma desviante das performances de feminilidade, sendo uma denúncia do que a filósofa como Judith Butler, e tantos outros vinham dizendo em suas teorias que perpassam feminismo e quebra de papéis normativos de gênero. Apesar de todo o material de estudo e breve pesquisa voltada para a questão de gêneros. A intenção do personagem Mazé é chamar a atenção para essa liberdade de expressão dos corpos, a subjetividade de um indivíduo que rompe com a lógica estabelecida dentro de um parcela que prega o cristianismo e propõe a reflexão de que santos não precisam necessariamente seguir um padrão estético, já que sua função se faz a partir dos milagres, do perdão e empatia ao próximo, e sua existência é consumada a partir da fé de cada indivíduo, que é livre para compor sua subjetividade. Fazendo um contraponto de uma divindade que rompe com a lógica binária de gênero, temos Tino, que apesar de estar dentro dos padrões de gênero e sexualidade, é um homem que rouba galinhas e comida para alimentar sua família, por este motivo não poderia habitar o reino dos céus ou ser considerado um homem digno aos olhos de Deus, por ter se corrompido ao pecado: O Senhor é clemente e cheio de compaixão, tardio em irar-se e grande em misericórdia. O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras. (Bíblia Sagrada - Salmo 145:8-9). Podemos entender, através da passagem bíblica acima, que o perdão e a misericórdia divina ampliam-se para muito além deste âmbito, Deus é piedoso em seu julgamento, desde que haja arrependimento sincero no ato da corrupção. A influência da fé cristã na sociedade brasileira é vasta, e conseqüentemente suas convicções muitas vezes distorcidas pela própria perversidade do homem, Cacundé defende o pensamento que o verdadeiro perdão nasce de um amor que não procura seus próprios interesses, neste caso o amor verdadeiro de "Cristo", que não maltrata, não se ira facilmente, e não guarda rancor.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

- Público-alvo: jovem e jovem-adulto (17 a 35 anos), de classe média baixa e classe média, B e C, justamente, pela escolha das plataformas para veiculação (streaming).
- Formato: Média-metragem
- Gênero: Comédia
- Sinopse: Cacundé conta a história de Tino, um sertanejo que foi expulso de sua cidade, após ser descoberto pelo fazendeiro que ele lhe roubava galinhas e tinha um romance secreto com sua esposa. Tino sai em busca de perdão, pra diminuir sua culpa, e em meio a essa peregrinação, conhece um ser andrógino o qual nomeia, após certo tempo de convivência, de Mazé. Os dois vivem diversas situações, até que no final da história, Tino descobre que Mazé, que não se define pelos gêneros masculino ou feminino, é um ser divino! Ela/Ele que encontra Tino, não por

acaso, ao invés de perdoá-lo por seus pecados, ensina-lhe sobre o auto perdão, a importância de reconhecer seus erros e aprender com eles. Direção Geral: A Direção Geral do média Cacundé, teve como principal fonte de referência o diretor Luiz Fernando Carvalho, conhecido por levar à TV brasileira uma nova proposta de linguagem estética e uma forma diferente de se fazer audiovisual no Brasil. Utilizamos como principal base de estudo, quatro de suas obras: Capitu (2008) , Hoje é dia de Maria (2005) , Velho Chico (2016) e Uma Mulher Vestida de Sol (1994) . O projeto buscou apresentar a atmosfera lúdica que Luiz carrega na maioria de suas obras, além do cuidado com cenografia, figurino, e um olhar totalmente especial com a fotografia. Assim como nas histórias contadas por Luiz Fernando, tivemos como intenção, fazer com que o espectador mergulhe no enredo e nas personagens. Em Cacundé, temos como um dos principais propósitos travar uma conversa constante entre o naturalismo e o imaginário, através de cada elemento da obra, como os cenários construídos de forma mais abstrata, saindo dos desenhos convencionais de cenografia; a forma de atuação dos atores, mais acentuada e de veia teatral, diferente dos métodos naturalistas; a literatura de cordel; a trilha sonora; as cores; os figurinos e maquiagem e etc. Assim como dito por Luiz Fernando Carvalho, em relação à minissérie Capitu (2008), levamos Cacundé para um lado atemporal e sem espaço definido, transmitindo assim, a essência da história, as emoções das personagens, fazendo com que o público consiga enxergar as inúmeras esferas da narrativa. As referências estéticas em relação a cores, figurinos, trilha e fotografia, foram baseadas em obras audiovisuais brasileiras de grande sucesso, como Capitu (2008), Hoje é dia de Maria (2005), Velho Chico (2016) e Uma Mulher Vestida de Sol (1994), todas dirigidas por Luiz Fernando Carvalho, além de O Auto da Compadecida (2000), de Guel Arraes. A estética é fator determinante para justificar a narrativa do roteiro. Em momentos específicos da história, foram utilizados artifícios gráficos na edição para ilustrar as memórias de uma das personagens coadjuvantes, a Mazé (interpretada por Alice Marcone). Ainda de maneira implícita, o média-metragem sinaliza que Mazé é um ser divino, com "poderes" sobrenaturais, como o de, por exemplo, fazer uma viagem ao passado, visitando a memória e as histórias de Tino (personagem coadjuvante interpretado por Chico Tomás). Todas as vezes que Mazé entra em contato com o passado de Tino, o telespectador visualiza essa lembrança em um outro cenário (no caso, produzido em estúdio). A sensação é de que o filme tem continuidade em um espetáculo teatral, com luzes bem marcadas e planos mais abertos, remetendo a uma peça. Abordando questões de cunho social que ainda são bastante discutidas, a obra utiliza elementos leves e divertidos para provocar reflexões acerca da identidade de gênero, religião, fé, a conduta do ser humano e o julgamento alheio.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Cacundé, é uma obra audiovisual em que o "divino" está muito presente e ajuda a justificar a existência de uma mescla entre o lúdico e o real. A fotografia é usada para ilustrar essa mescla, porque quando usamos a imaginação ou quando pensamos em algo lúdico, nós pensamos neles visualmente. O lúdico é representado por uma montagem de iluminação mais dura/direta nos atores e bem coloridas no restante do cenário. A fotografia evidencia a brasilidade presente em toda obra através da iluminação e dos planos. A obra se passa num lugar repleto de terra e natureza, logo, a montagem da iluminação torna a aura das cenas mais quentes e ensolaradas e isso evidencia os tons terrosos e pastéis, que estão explícitas na direção de arte do curta metragem. Nas externas, a iluminação é clara e esmaecida. A iluminação será com o contraste bastante marcado, trabalhamos a iluminação, junto com a composição de objetos do cenário, que evidencia a cor e passa a emoção da cena. De acordo com Arnheim, (1989, p. 75): O modo como coloca as lâmpadas, os pontos onde faz nascer as sombras, a maneira como, em exteriores, coloca a câmera em relação ao sol, e a maneira como os refletores captam e refletem a luz, permitem-lhe apresentar o mesmo objeto com o máximo de luz ou cheio de sombra, dar ao objeto iluminado a mesma intensidade do cenário que o envolve, ou lhe colocar em evidência sobre um fundo escuro. Essa é uma das possibilidades estéticas mais importantes do cinema. O simbolismo primitivo, mas sempre eficaz, do claro-escuro, do branco puro contra o preto retinto, do contraste entre as trevas e a luz, é inesgotável. O plano geral, dentro da linguagem de Cacundé, será usado para ambientar o filme e localizar o telespectador. E também, nas cenas em que gravaremos em estúdio. Esse plano será usado para que possamos explorar o cenário imagneticamente, evidenciando as referências teatrais ali mostradas e para que os telespectadores se sintam assistindo a uma peça de teatro. Para esse plano, em ambiente externos, usaremos a lente 50mm e a 18-55mm. Nas internas com a iluminação controlada, usamos a lente 24-70mm e a 50mm. Nas cenas em que a câmera se movimenta, usamos o gimball para dar estabilidade a câmera. O uso de poucos planos e posicionamento da câmera em sua maior parte, estática, é para que o ator tenha total liberdade do cenário e que ele movimente a cena, e não que a cena movimente ator. Essa estratégia é usada, exatamente, para reforçar as referências teatrais. Nos flashbacks das histórias das personagens, nos quais eles lembrarão de seu passado, a imagem tem menos nitidez e será menos iluminada do que as outras.